

LETRAMENTO DIGITAL DE CRIANÇAS PEQUENAS E OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19¹

Bárbara Conti Vigganigo², Martha Kaschny Borges³

¹ Vinculado ao Projeto de Pesquisa do Orientador: Educação e cibercultura: o entre lugar das políticas, das práticas educativas, das tecnologias digitais e dos actantes das redes sociotécnicas

² Acadêmica do curso de Pedagogia - FAED - Bolsista OPE

³ Orientadora, Departamento de Pedagogia - FAED - martha.borges@udesc.br

O texto em tela se refere a um projeto de investigação em nível de iniciação científica, desenvolvido durante o período de agosto de 2021 a abril de 2022. Ele é um subprojeto do projeto de pesquisa do grupo de pesquisa Educação e Cibercultura – Educaciber, Educação e cibercultura: o entre lugar das políticas, das práticas educativas, das tecnologias digitais e dos actantes das redes sociotécnicas. Este subprojeto teve como objeto de estudo as discussões sobre o processo de letramento digital de crianças pequenas e como a pandemia da Covid-19 impactou este processo.

Como primeira etapa da pesquisa, realizamos uma aproximação aos estudos e debates presentes na literatura especializada que tratam desta relação e, a partir desta busca, realizamos um diálogo com três textos selecionados, dos autores: Cleriston Izidro Anjos e Deise Juliana Francisco (artigo 1); Ivone Garcia Barbosa e Marcos Antonio Soares (artigo 2); Adelaide Alves Dias, Isabelle Sercundes Santos e Adams Ricardo Pereira Abreu (artigo 3). Também dialogamos com a obra do filósofo francês Michel Serres: Polegarzinha (2012).

O pensamento assistencialista acerca da educação infantil na sociedade em geral, é algo que impressiona os profissionais da educação. Mesmo nos dias atuais, persiste uma visão rasa de que as crianças vão para as creches “apenas” para serem cuidadas, enquanto os adultos das famílias trabalham, pouco se fala sobre a importância das vivências cotidianas, da construção da identidade pessoal e coletiva, da produção de cultura e do desenvolvimento cognitivo, psicológico, emocional e social da criança nesses ambientes. De acordo com Dias, Santos e Abreu (2021, p. 102), o trabalho realizado nos Núcleos de Educação Infantil consiste na prática de diversas atividades que respeite as especificidades e as diferenças de cada criança a partir de brincadeiras e interações, o que inclusive é algo “impraticável” por meio de um processo educativo remoto. Além disso, segundo Anjos e Francisco (2021, p. 126) as instituições de ensino são aliadas na proteção, integridade e respeito às crianças, uma vez que os profissionais muitas vezes conseguem identificar alguns problemas sofridos por essas crianças fora do contexto escolar.

Durante o fechamento das instituições na Pandemia da Covid-19, a importância dos Núcleos de Educação Infantil e das escolas ficou ainda mais evidente. Muitos responsáveis afirmaram que suas vidas viraram um “caos” com as crianças em casa, uma vez que não era possível trabalhar e precisavam fazer o “papel” assistencial das instituições e dos profissionais, principalmente em relação à educação infantil. Algumas famílias optaram por manter seus filhos matriculados nas creches, a fim de ter uma sequência de atividades para entretê-los e manter o contato com os profissionais, outros preferiram cancelar a matrícula, pois acreditavam que poderiam fazer “por conta” o trabalho dos Núcleos de Educação Infantil ou deixaram evidente que a opção em matricular as crianças nos NEIs era tão somente assegurar um espaço de cuidado a elas quando estavam trabalhando (DIAS, SANTOS e ABREU, 2021).

Estes mesmos autores ressaltam que o regimento de atividades remotas para crianças, sobretudo para a educação infantil, fez com que saltasse aos olhos a situação de crianças que ficaram em ainda mais desvantagem nesse novo contexto, como por exemplo as crianças com deficiência, em situação de pobreza ou as que as famílias não possuíam computadores, celulares ou rede de internet nas suas residências (ibidem 2021, p.107). A falta de recursos para o letramento digital dos responsáveis foi uma das razões para o cancelamento das matrículas nas instituições de ensino e na evasão escolar no período de fechamento das escolas.

Assim, a “exclusão digital” (ANJOS E FRANCISCO, 2021, p.128) é uma característica da exclusão social, a qual limita o sujeito de alguns de seus direitos, dado que na pandemia essa “diferença” ficou ainda mais perceptível. De acordo com Barbosa e Soares (2021, p. 45), as condições econômicas dos pais afetaram diretamente na vida e no desenvolvimento das crianças, resultando em privação material, falta de espaços adequados de moradia, de condições de saúde, de bem-estar, e, ainda, de educação do ponto de vista da permanência escolar, suas relações, participação e segurança. Tendo em vista tais aspectos, é preciso reforçar que diante dessas dificuldades o letramento digital para algumas comunidades passou longe de ser cogitado, tanto pelas famílias, quanto pelas instituições de ensino.

Neste sentido, ao serem excluídas digitalmente (e socialmente), as crianças das classes populares, que não tiveram as mesmas oportunidades de interação, de aprendizagem e de convivência que as crianças que mantiveram suas atividades escolares na forma remota, certamente necessitarão atenção especial para estas desigualdades diminuíam e que sejam extintas para que a Educação Infantil possa ser valorizada como espaço de desenvolvimento completo das crianças.

Portanto, garantir as mesmas oportunidades de acesso e de desenvolvimento do letramento digital pelas crianças, é garantir o desenvolvimento pleno delas. Ou como afirma a filósofo Michel Serres (2012, p.21, tradução livre):

O que sabemos com certeza é que as novas tecnologias não ativam as mesmas regiões do cérebro como os livros. Polegarzinha evolui, da mesma forma que evoluímos quando passamos do oral para o escrito. O que faziam nossos neurônios antes da invenção da escrita? As faculdades cognitivas e imaginativas não são estáveis nos seres humanos, e isto é muito interessante. Em qualquer caso, esta é minha resposta para os velhos rabugentos que a acusam de não ter memória nem uma mente analítica. Eles a julgam com as suas faculdades cognitivas e não admitem que o cérebro muda fisicamente.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cleriston Izidro; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. *Revista Zero a Seis: Dossier Especial: Educação infantil em tempos de pandemia*, v. 23, p. 125-146, Florianópolis, Editora da UFSC, 29 jan. 2021. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/issue/view/3163>

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antonio. Educação infantil e pobreza infantil em tempos de pandemia no Brasil: existirá um “novo normal”? *Revista Zero a Seis: Dossier Especial: Educação infantil em tempos de pandemia*, v. 23, p. 35-57, Florianópolis, Editora da UFSC, 29 jan. 2021. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/issue/view/3163>

DIAS, Adelaide Alves; SANTOS, Isabelle Sercundes; ABREU, Adams Ricardo Pereira.

Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. *Revista Zero a Seis: Dossier Especial: Educação infantil em tempos de pandemia*, v. 23, p. 101-124, Florianópolis, Editora da UFSC, 29 jan. 2021. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/issue/view/3163>

SERRES, Michel. Petite poucette, la génération mutante. Entrevista. *Journal Libération*, Paris, França, p. 01-01. Homepage: https://www.liberation.fr/debats/2011/09/03/petite-poucette-la-generation-mutante_758710/ Acesso em junho de 2022.